

É difícil explicar o que o Open da Madeira significa para mim. Quem me conhece bem sabe, certamente. Cada vez tenho arbitrado menos, por diversos motivos, muitos dos quais são sobejamente conhecidos. O que me faz “apitar” ainda é a amizade, a lealdade, a vontade de bem receber e o reconhecimento mútuo da importância do trabalho levado a cabo. O torneio da Madeira é um destes torneios cujos organizadores conseguiram, com o tempo, fazer-me sentir “obrigado com alegria” a dirigir.

O Carlos Luiz apareceu em grande forma, foi distinguido pela FPB com uma medalha, mas também e sobretudo por todos os jogadores com uma manifestação emocionante de carinho e solidariedade. E finalmente o “tal abraço” aconteceu (para quem conhece a história). O torneio deste ano foi especial por mais motivos. Foi o primeiro torneio depois do incêndio das instalações do CSM, foi um torneio onde a participação atingiu recordes, e pela primeira vez montámos um torneio de pares com 60 mesas de Bridgemates. O torneio de equipas também correu sobre rodas e o reconhecimento público dos jogadores pelo trabalho efectuado foi patente numa cerimónia de distribuição de prémios participada, interactiva e cativante.

E são as pequenas coisas, como um aperto de mão de cumprimento inesperado da parte de um jogador, o sorriso cúmplice do Sascha por uma situação devidamente “processada”, o Magnusson que diz “concordo tecnicamente com a decisão mas acho que pode ter havido alguma injustiça e prefiro que ajuste contra mim o resultado”, em vez do nacional “se ajustas contra mim vou-me embora”, um jantar entre amigos ainda que à corrida para começar a sessão seguinte, o abraço ao Sr Machado, que fez anos durante o torneio, a conversa sem bridge até à hora de sair o transfer para o aeroporto (4 da madrugada), o adeus que custa dizer a todos, o “regressem bem” com a voz embargada, que nos fazem correr por isto. Os dias sem almoço e/ou jantar, as costas que doem sob o peso do material e as horas infindas nas salas, os sentimentos de “perseguição constante” ou de “parcialidade” por parte de alguns, as críticas que se esgotam em si mesmas e o que os torneios têm de menos bom, parecem tão pequenos comparado com tudo o resto.

Por dois anos consecutivos estive no CS (novo nome do hotel do torneio) e não pisei a piscina. Mas valeu a pena o esforço. E mesmo continuando a ser um dos poucos torneios que apito, enquanto o pessoal de lá me quiser, lá estarei. Com uma vontade imensa de fazer cada vez mais e melhor.